

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

  
Atena  
Editora  
Ano 2023

**Vol 7**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2023

**Vol 7**

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 7

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 7 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF  Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  Modo de acesso: World Wide Web  Inclui bibliografia  ISBN 978-65-258-0967-0  DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.670230601">https://doi.org/10.22533/at.ed.670230601</a></p> <p>1. Educação. 2. Ensino. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O cenário social atual, permeado por aceleradas alterações econômicas, políticas, sociais e culturais exige novas formas de compressão das relações de entre os indivíduos e desses com o conhecimento. Assim, os processos educativos auxiliam no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades mentais indispensáveis para o convívio social. Nesse contexto, a obra: **A educação enquanto fenômeno social: Perspectivas de evolução e tendências 5, 6 e 7**, fruto de esforços de pesquisadores de distintas regiões brasileiras e estrangeiras, reúne pesquisas que se debruçam no entendimento das perspectivas educacionais contemporâneas.

Composta por dezoito capítulos, a livro apresenta estudos teóricos e empíricos, que versam sobre os processos pesquisa, ensino e de aprendizagem sob a perspectiva de seus atores e papéis. Com efeito, apresenta cenários que expõem experiências que dialogam com distintas áreas do conhecimento, sem contudo, perder o rigor científico e aprofundamento necessário.

Por fim, destacamos a importância da Atena Editora e dos autores na divulgação científica e no compartilhamento dos saberes cientificamente produzidos, à medida, que podem gerar novos estudos e reflexões sobre a temática. Ademais esperamos contar com novas contribuições para a ampliação do debate sobre a educação enquanto um fenômeno social.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC-2012): O PAPEL DO ESTADO NA IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	
Paula Renata Amorin Santos Maisa Colombo Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306011">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306011</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>13</b>
O USO DE MEMES EM SALA DE AULA – UM ESTUDO DE CASO COM O IMPERIALISMO EUROPEU DOS SÉCULOS XIX E XX	
Guilherme Henrique Marsola Pedro Marcelo Tarozo de Araujo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306012">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306012</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>27</b>
PERMANENCIA DEL ALUMNO EN EDUCACIÓN MEDIA SUPERIOR DEL COBATAB, PLANTEL 39 EN LA COMUNIDAD EL TIGRE NACAJUCA, TABASCO	
Luz del Carmen Castillo García	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306013">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306013</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>36</b>
POLÍTICA DE ACESSO E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA EM FUNÇÃO DAS LICENCIATURAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	
Esther Pessoa Costa Yan Roberto Santos de Oliveira Nivaldo Vieira de Santana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306014">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306014</a>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>43</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	
Vagner Lima de Aguiar	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306015">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306015</a>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>49</b>
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA PARÁ BRASIL	
Jakson José Gomes de Oliveira Ana Lúcia Almeida de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306016">https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306016</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>61</b>
REFLEXÕES SOBRE CUIDADOS E DESAFIOS DA AUTOMUTILAÇÃO NAS ESCOLAS BASEADO NA TEORIA DA MUDANÇA: RELATÓRIO DO I	

**WORKSHOP**

Verônica de Medeiros Alves  
 Mércia Zeviani Brêda  
 Maria Cicera dos Santos de Albuquerque  
 Jorgina Sales Jorge  
 Cintia Bastos Ferreira  
 Daniele Gonçalves Bezerra  
 Ellen Vidal Medeiros Lobo  
 Lucas Gabriel de Melo Pedrosa  
 Maria Eduarda de Amorim Lima  
 Ronaldo Victor Santos Casado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306017>

**CAPÍTULO 8 .....70**

RELATO DE PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS - UMA PERSPECTIVA  
 A PARTIR DO MOMENTO PANDÊMICO

Kennedy Wagner dos Santos Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306018>

**CAPÍTULO 9 .....77**

REFORMA DO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS À FORMAÇÃO HUMANA  
 INTEGRAL?

Maria Cristiane Souza Rodrigues

Eliane Maria Pinto Pedrosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6702306019>

**CAPÍTULO 10..... 91**

SOLTA O PANCADÃO: (DES)CONSTRUINDO A VISÃO DE ESTUDANTES DO  
 ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS DANÇAS URBANAS NO BRASIL E NO  
 MUNDO

Bruno Gonzaga Teodoro

Sandy Cristine Prata

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060110>

**CAPÍTULO 11 .....98**

SUGGESTOPEDIA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA  
 ESTRANGEIRA

Greice Kelly Santana de Miranda

Nathália Maria da Silva Farias

Gisele Pereira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060111>

**CAPÍTULO 12..... 105**

REPENSANDO O CURRÍCULO ESCOLAR NO CONTEXTO CULTURAL DA  
 TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, VENEZUELA E GUIANA

Kelene Sena da Silva

Ednaldo Coelho Pereira

Kelem Sena Magalhães  
 Elizania Souza campos  
 Keila Sena da Silva  
 Joanéia Oliveira Ribas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060112>

**CAPÍTULO 13..... 118**

TCHOUKBALL, O ESPORTE DA PAZ QUE AUXILIA NA FORMAÇÃO DE PESSOAS

Eduardo Palone Brunello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060113>

**CAPÍTULO 14..... 123**

UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO COMPUTACIONAL DE DOCENTES DO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DO BRASIL

Diego Silveira Costa Nascimento

Keila Cruz Moreira

Matheus Mathias Rocha Lucio de Moraes

Maria José Patricio Marcelino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060114>

**CAPÍTULO 15..... 140**

UMA BREVE ANALISE SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BASICA E PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Matheus de Moura dos Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060115>

**CAPÍTULO 16..... 149**

VIDEOAULA NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO SOBRE O SEU USO VISANDO UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Caroline de Nazaré dos Santos da Silva

Marcia dos Santos da Silva

Irlane Maia de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060116>

**CAPÍTULO 17..... 158**

VISITAS AO LABORATÓRIO DE ANATOMIA HUMANA DA UNIOESTE - UMA AVALIAÇÃO DE CINCO ANOS DAS ATIVIDADES

Mikael Gerson Kuhn

Leticia Massochim da Silva

Josiane Medeiros de Mello

Célia Cristina Leme Beu

Lucinéia de Fátima Chasko Ribeiro

Angelica Soares

Lígia Aline Centenaro

Marcia Miranda Torrejais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060117>

**CAPÍTULO 18..... 165**

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DESAFIOS E AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO DE QUÍMICA

Ismael Holanda do Vale

Brenda Karynne Moreira Sousa

Ágda Freire Queiroz Braz

Larissa Bruno Gomes

Jaqueline da Anunciação

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67023060118>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 178**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 179**

# O USO DE MEMES EM SALA DE AULA – UM ESTUDO DE CASO COM O IMPERIALISMO EUROPEU DOS SÉCULOS XIX E XX

*Data de aceite: 02/01/2023*

**Guilherme Henrique Marsola**

**Pedro Marcelo Taroza de Araujo**

<http://lattes.cnpq.br/4861630568122503>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo verificar a possibilidade na utilização de memes para trabalhar o tema do imperialismo europeu praticado entre os séculos XIX e XX sob os territórios africano e asiático. Em um primeiro momento, o texto faz algumas considerações a respeito da historiografia produzida sobre o tema, explorando questões como: as motivações da busca por novos territórios e ampliar o leque de mercado consumidor, as justificativas dadas pelos europeus para legitimar a expansão, as negociações políticas - sobretudo com a conferência de Berlim - para partilha da África e as consequências legadas pelo imperialismo. O texto também faz apontamentos sobre os memes e sua utilização em sala de aula, destacando a origem do termo, sua popularização com o advento da internet e apresenta alguns estudos que mostram os efeitos positivos de seu uso em sala de aula e, por fim, trás alguns memes sobre o imperialismo que estão disponíveis na

internet e faz sugestões de como podem ser usados pelos professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperialismo; memes; professor.

**ABSTRACT:** This article aims to verify the possibility of using memes to work on the theme of European imperialism practiced between the 19th and 20th centuries in African and Asian territories. At first, the text makes some considerations about the historiography produced on the subject, exploring questions such as: the motivations for the search for new territories and expanding the range of the consumer market, the justifications given by the Europeans to legitimize the expansion, the policies - above all with the Berlin conference - for the partition of Africa and the consequences bequeathed by imperialism. The text also points out about memes and their use in the classroom, highlighting the origin of the term, its popularization with the advent of the internet and presents some studies that show the positive effects of its use in the classroom and, finally, brings some memes about imperialism that are available on the internet and makes suggestions on how they can be used by teachers.

**KEYWORDS:** Imperialism; meme; teacher.

## INTRODUÇÃO

Ser professor é uma tarefa desafiadora e muito exigente, há muito tempo os docentes vêm pensando formas de melhorar suas atividades, novas técnicas e metodologias que permitam envolver ainda mais os alunos. Ao tratarmos de história é preciso uma atenção específica, atrair os olhares dos alunos para esta disciplina é um desafio, por isso atualizar se nunca foi tão fundamental. Neste trabalho propomos uma reflexão acerca dos memes e a sua possibilidade dentro de sala de aula, para uma maior compreensão optamos por trabalhar com memes referentes ao imperialismo europeu do século XIX.

Para lidar com memes é preciso estar atualizado quanto às tendências mundiais, é necessário estar atento ao mundo a sua volta, isto serve tanto para os professores quanto para os alunos, ambos estão inseridos num mundo global cujas as novidades permeiam todo o globo, portanto utilizar este recurso é mostrar se um indivíduo atuante nas questões recentes (SANTOS, SOUZA, 2019).

Os jovens adolescentes de hoje nasceram imersos no meio digital, assim estão familiarizados com a capacidade de comunicação e socialização da internet e das redes sociais, por isso são ávidos consumidores de diversos conteúdos que aparecem neste meio, entre eles, os memes. Estes, por sua vez possuem em sua grande maioria um efeito cômico que sempre cativa muitas pessoas, sendo assim percebemos aqui que independente de seu conteúdo, os memes buscam por causar o riso, mas também têm uma característica muito importante, aqueles com acesso à tecnologia, celulares ou computadores, podem produzir seus próprios memes, estes podem carregar discursos muito particulares e influenciar outros (LAMARÃO, 2019).

Os memes possuem discursos, dotados muitas vezes de texto e imagem, próximo a uma charge ou quadrinho, este novo meio de comunicação necessita que seu observador tenha uma capacidade crítica de interpretá-lo, portanto, podemos investigar e levar os alunos a fazer o processo quando encontrarem memes, o objetivo do professor de história deve ser produzir cidadãos esclarecidos, com pensamento crítico e atentos à realidade à sua volta (SANTOS, SOUZA, 2019).

A partir das discussões neste trabalho buscamos ampliar e aprofundar as reflexões sobre os memes e seu uso em sala de aula, para isso iremos trabalhar com a temática do Imperialismo do século XIX e com memes produzidos e divulgados pelo perfil “História no Paint” que está presente no Twitter e Instagram.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O IMPERIALISMO EUROPEU DO SÉCULO XIX E XX

Pensando a Revolução Industrial como um processo único e não dividido em fases, a Europa do século XIX tinha características diferentes dos séculos passados, pois a chegada

das máquinas e a introdução do Sistema de Fábricas<sup>1</sup> trouxe uma série de mudanças para a realidade daquele continente, como: o aumento considerável da produção de produtos, surgimento de regiões fabris dentro dos países europeus, divisão técnica do trabalho, aumento populacional, ascensão da burguesia como grupo social dominante e responsável por realizar movimentos revolucionários em países como França e Inglaterra e deram mais voz aos burgueses na condução política, introdução de tecnologias favoráveis à regulação do tempo – como é caso do relógio – e o processo de êxodo rural, quando muitas pessoas saíram do campo e foram em direção às cidades procurando trabalhar nas fábricas (DE DECCA e MENEGUELLO, 1999; IGLESIAS, 1985). A população da Europa em meados do XIX tinha uma vida muito mais urbana, fabril e o comando político não era mais feito por aristocratas feudais, mas sim, pelos grandes industriais.

No âmbito econômico, nota-se que os princípios da economia mercantil de intervencionismo estatal, monopólios e o acúmulo de metais preciosos que foram valiosos durante a era das monarquias absolutistas, deram espaço para teorias liberais do capitalismo industrial (FALCON e MOURA, 1981). A palavra de ordem para o enriquecimento na Europa do XIX era industrialização e, assim, diversos países do continente começaram uma corrida para desenvolver grandes parques industriais, como foi o caso da França pós-revolução de 1789 e o período napoleônico, a Inglaterra que deu a largada no movimento ainda no século XVII e a Alemanha, um país conhecido por ter uma unificação tardia<sup>2</sup>, mas que com indústrias conseguiu atingir o mesmo patamar de seus vizinhos.

Esta fase industrial que o sistema capitalista estava entrando era embasada pelos princípios do liberalismo econômico, em especial aqueles formulados por Adam Smith em 1776, como é o caso da lei de Oferta e Procura dos produtos, que é utilizada para explicar o aumento ou redução dos preços, pois se há uma grande quantidade de um determinado produto disponível no mercado, seu valor tenderá a reduzir e o contrário ocorre em caso de falta de produtos, quando o preço tende a subir. Em 1873 a Europa começou a sentir os efeitos deste princípio econômico, pois a produção industrial praticada em anos anteriores começou a superar a capacidade de consumo do mercado e, em outras palavras, significa que não tinha gente suficiente para consumir tudo que estava sendo produzido pela indústria europeia e, conseqüentemente, os preços começam a entrar em queda e inaugura um contexto deflacionário<sup>3</sup> na economia europeia (HOBSBAWM, 2011).

Esse contexto de superprodução que a Europa vivia em 1873 era o começo de

---

1 O termo “Sistema de Fábricas” foi utilizado por Edgar de Decca em *O nascimento das fábricas* para designar o processo de concentração dos trabalhadores em um mesmo ambiente, ao invés de deixá-los produzindo isoladamente em suas casas, sob a justificativa de que desta forma seria mais fácil dos patrões fiscalizarem suas atividades e teriam mais produtividade.

2 A formação dos principais países da Europa, como Portugal, França, Espanha e Inglaterra ocorreram entre o final da Idade Média e o começo da Era Moderna, enquanto Itália e Alemanha conquistaram uma união séculos mais tarde (século XIX), por isso, é comum alguns historiadores referirem-se a estes países como unificações tardias.

3 Deflação é o oposto de Inflação. Quando os preços estão subindo de forma sustentada, os economistas dizem que os preços estão inflando, ou seja, em Inflação. Agora, quando os preços fazem o movimento de queda sustentada, é utilizado o termo Deflação.

uma Grande Depressão econômica e a sociedade burguesa precisou tomar ações para ampliar o mercado consumidor de seus produtos e evitar consequências econômicas mais graves. As nações europeias não podiam mais limitar suas atividades comerciais dentro de suas próprias fronteiras, era preciso formar um novo tipo de império colonial em outros continentes para que mais pessoas pudessem consumir o que estava sendo produzido na Europa, assim como, o continente pudesse ter novos acessos às fontes de matéria prima (HOBSBAWM, 1988). As nações europeias começaram a expandir suas zonas de influência para outros cantos do mundo, em especial os continentes africano e asiático em um processo que ficou conhecido como Imperialismo ou Neocolonialismo.

Essa reaproximação da Europa com outras regiões não ocorreu de forma abrupta e imediata, as potências foram paulatinamente adentrando e reconhecendo o território e formando laços de amizade com líderes locais, introduzindo operações militares e até mesmo realizando investimentos locais, sendo que em todos os casos o objetivo intrínseco era ganhar zonas de influência sob a outros povos (FALCON, 2014). A Inglaterra procurou aproximar-se do Egito ao comprar ações da companhia do Canal de Suez; A França realizou uma operação policial na Argélia sob a justificativa de combater a pirataria. Algumas regiões da Ásia também atraíram a atenção dos europeus, como é o caso da Índia, da China e até mesmo do Japão.

Essa busca por novos mercados consumidores provocou uma concorrência entre os países europeus, pois cada nação queria as melhores localidades para fazer negócios e nenhuma queria ambientes com resistência local e, obviamente, não dava para um mesmo país exercer uma influência em um mesmo espaço. Na tentativa de amenizar o clima de concorrência entre as nações que estavam praticando o Imperialismo foi realizada a Conferência de Berlim, uma reunião entre as principais potências europeias que estavam disputando territórios na África e na Ásia para definir regras da expansão europeia e delimitar fronteiras de atuação de cada potência nos outros continentes.

A Conferência de Berlim terminou com dois resultados principais (HERNANDEZ, 2008): a criação de um código de regulamentação e a remodelagem do continente africano para atender aos interesses dos europeus. As principais regras definiam que quando um país estivesse ocupando uma região, não era interessante que outro tomasse posse do território; como uma espécie de recompensa para os povos africanos, é dever dos homens brancos levar o progresso e a civilidade para os povos de outras regiões; o tráfico de mercadorias era algo inerente a uma possível guerra ou nação inimiga, ou seja, independentemente da situação que uma região vivia, o traslado de mercadorias deveria ser priorizado; os rios deveriam ter direito à livre navegação; haviam outras normativas que se referiam a casos mais excepcionais ou de disputas específicas entre duas nações.

Esse avanço às novas terras passam a ocupar espaço na mídia impressa da época, na literatura científica e ficcional e no imaginário popular e a população comum da Europa questionar o motivo da Europa estar se colocando acima destes povos (MORAES, 2017).

As potências europeias baseiam-se na Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin ao afirmar que o europeu é um povo que possui uma superioridade civilizatória em relação aos demais habitantes do mundo e é um dever do “Homem Branco” levar o progresso para aqueles que ainda não conseguiram atingir, assim como, havia um certo interesse de grupos religiosos de realizar empreitadas missionárias e levar religiões praticadas na Europa, como o luteranismo alemão e o calvinismo de Londres, para a África e Ásia, em um movimento semelhante às missões jesuítas do século XV e XVI que foram realizadas pela Igreja Católica durante a colonização da América (HERNANDEZ, 2008).

O século XIX viu surgir dois movimentos opostos sobre o pensamento racial: o movimento abolicionista, (campanha) que colaborou para o fim da escravidão no continente americano, e o nascimento de teorias deterministas de cunho racial. Com o crescimento e a consolidação política e econômica da Europa, começaram a aparecer formulações que explicassem seu imenso sucesso. Dentre elas surgiram razões de cunho científico que justificavam a superioridade dos povos do norte. O advento das ciências naturais fez emergir uma concepção de que a superioridade política e econômica dos europeus se deu devido à sua hereditariedade e ao meio físico favorável. Isso supunha que, enquanto os europeus do norte eram melhores por terem um clima ideal, os povos dos climas tropicais seriam aqueles considerados inferiores, incapazes de evoluir no meio político, social e econômico (RANGEL, 2015, p.13).

É um engano pensar que os povos colonizadores aceitaram pacificamente a chegada dos Europeus em seu continente, pois ao longo do processo imperialista é comum observarmos cenas de resistência por parte dos povos que estavam sendo dominados, tanto no território africano como no asiático (CASTRO E FACINA, 2014). Alguns movimentos foram organizados pela elite local, sob o temor de perder seus privilégios para os europeus e houve aqueles realizados pela população comum por não aceitarem uma tradição diferente em seu espaço, sendo importante mencionar que esses atos não foram suficientes para evitar o domínio estrangeiro, porém, tiveram importância para impor reveses ao processo Imperialista europeu.

Foram inúmeras as consequências que essa expansão capitalista da Europa durante o século XIX legou para o mundo, atingido, até mesmo, seu próprio território. Uma das primeiras consequências foi a repercussão das teorias de superioridade de raça pelo mundo, usado como base para justificar atos discriminatórios contra a população negra, como a segregação dos Estados Unidos ou a ideia de miscigenação do Brasil (RANGEL, 2015). O território africano foi dividido na Conferência de Berlim por meios arbitrários, pois as fronteiras foram formuladas de acordo com o interesse e o desejo das potências europeias, sem respeitar os traços étnicos e culturais dos que já viviam na África e ocasionaram a união de tribos rivais em um mesmo espaço geográfico e a partir de então ocorrem diversas e sangrentas guerras civis, servindo como um dos pilares explicação para o porquê o continente possui altos índices de miséria e pobreza atualmente (MORAES, 2017).

A imposição dos europeus sob os africanos nem sempre se deu de forma pacífica, através do diálogo ou acordos políticos, pois muitas vezes a força era o instrumento utilizado para dominação e começaram cenas chocantes de nativos mortos, mutilados ou torturados, como o caso da Bélgica, que obrigou seus colonizados a atingir uma determinada cota de produção e, se por ventura não conseguisse, os homens tinham de pagar com punições físicas: os braços e mãos eram cortados (MORAES, 2017). A última consequência ligada às disputas imperialistas europeias do século XIX foi a Primeira Grande Guerra, pois antes e depois da Conferência de Berlim, as potências permaneceram em um clima de tensão por territórios, incentivou a formação de alianças e resultou em um confronto direto e armado entre os países da Europa.

## **OS MEMES E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO**

O termo “meme” foi criado pelo biólogo Richard Dawkins ao referir-se a algumas características da Teoria da Evolução de Charles Darwin, para Dawkins os memes são replicadores culturais, semelhantes aos replicadores biológicos, entretanto mais variáveis, pois a cultura muda-se conforme os indivíduos, tempo e espaço, portanto os memes também podem comportar-se dessa maneira.

Os memes aqui discutidos têm um estilo totalmente diferente do que fora definido por Dawkins, estes são discursos linguísticos que circulam pelos meios de comunicação digitais, com uma linguagem que está sempre em mudança, no mundo atual é preciso ir além de entender informações.

Os memes propiciam a oportunidade de trabalhar com transmissores culturais que estão em constante transformação de sua forma e conteúdo, com uma enorme propagação, o usuário pode transitar como produtor e vice-versa, os agentes do meio digital constituem esse ambiente e são constituídos por ele.

Os memes são uma das inúmeras possibilidades de linguagem, entretanto, está intimamente ligada aos jovens, sua finalidade e utilidade cômica pode proporcionar aos indivíduos muito mais que entretenimento e diversão, mas também carrega todo um sistema de crenças é uma forma de enxergar o mundo por trás, por isso tornou-se tão popular entre os jovens no mundo todo e no Brasil não foi diferente, esta linguagem própria que aos poucos foi se estabelecendo tornou-se muito presente no cotidiano e nas redes sociais, acredito que seja necessário que os memes também estejam presentes nas salas de aula (LAMARÃO, 2019).

Os memes ganham novos significados a cada criação e reprodução que ganham na internet, além disso, também há uma variedade temática enorme, temas recentes ou antigos podem ser retomados nestas produções aumentando sua capacidade de dialogar com esta juventude digital (LAMARÃO, 2019). a comunicação é em si, interdisciplinar, o memes também são, mas acima de tudo, para entender e fazer parte é preciso estar

atento ao que ocorre no mundo e na sua região, por isso considero fundamental o trabalho com este tipo de recurso em sala de aula, os professores de história buscam trabalhar o pensamento crítico de seus alunos, assim como uma atenção em sua realidade, então utilizar um conteúdo que está presente no cotidiano do aluno pode ajudar fortemente nisto (SANTOS, SOUZA, 2019) .

De que forma os memes podem ser trabalhados em sala de aula? Lamarão (2019) afirma que para isso é preciso entender que a produção dos memes é muito diversa, qualquer indivíduo com acesso a tecnologia digital e o domínio das técnicas para utilizá-la pode produzir memes, além disso, o consumo destes é ainda maior e mais fácil, portanto, ao deparar se com uma sala de aula o professor pode ali observar consumidores e criadores de memes, o que ele pode fazer é direcioná-los na temática com análises e atividades. A autora descreve que para assimilar um conteúdo e produzir um meme é fundamental compreender, utilizar a criatividade e buscar comunicar de forma que um maior número de pessoas possa ter acesso e entender o que está sendo passado ali.

Os memes em sala de aula acentuam uma discussão muito importante acerca do processo de ensino e aprendizagem, aprender não deve ser algo doloroso, algum tipo de penitência ou sofrimento, ao utilizar algo que os alunos já estão muito familiarizados é provocado um entusiasmo na turma, uma animação, além disso, o conteúdo que está sendo discutido em sala de aula ganha uma finalidade prática imediata com este recurso. Os alunos poderão relacionar passado e presente com uma maior facilidade, pois podem trabalhar com a criação de memes sobre diversas temáticas, utilizando o nosso exemplo, os alunos podem perceber que o imperialismo do século XIX ainda continua, existem formas diferentes, consequências diversas, mas o reflexo destes eventos ainda permanece atuais (LAMARÃO,2019).

É fundamental que os professores incentivem aos alunos a manter a curiosidade, os memes são uma excelente forma de aproximar isto, cada vez mais enxergando a si mesmos como participantes e produtores da história.

Logo, em consonância com os novos estudos sobre ensino de História, que buscam diferentes formas de apresentação de conteúdos considerados “cristalizados”, o uso de memes possibilita que os próprios alunos usem sua experiência, seu “olhar cibernético” para interpretar processos históricos. Considerando que o estudo da História ocorre a partir da análise e interpretação das fontes, por que não considerar os memes, eles próprios, um novo tipo de documento histórico? Futuramente, eles serão usados como tal e os alunos envolvidos na atividade aqui apresentada estão, desde já, deixando seu legado (LAMARÃO, 2019, p.191).

Adaptar o conteúdo e a linguagem apresentada pode fazer com que os alunos tenham prazer em aprender, ao se enxergarem como produtores de um conhecimento existe a chance de inúmeras reflexões se apresentarem dentro e fora da sala de aula, ao observar a forma com que o professor investiga os memes, seus criadores, intenções e os

impactos, os alunos podem sentir-se à vontade para fazer o mesmo e, ao chegarem em suas próprias conclusões, criar possibilidades para a construção do conhecimento, uma forma contínua do aluno seguir aprendendo e transformando sua realidade (SANTOS, SOUZA, 2019).

## **MEMES SOBRE O IMPERIALISMO EUROPEU DO SÉCULO XIX E XX**

Seja no ensino fundamental ou no ensino médio, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular)<sup>4</sup> prevê que o tema Imperialismo seja trabalhado em sala de aula. Estudar as práticas imperialistas praticadas pelos europeus com os estudantes tem uma fundamental importância, pois os acontecimentos do começo do século XX trouxeram consequências contemporâneas que os historiadores problematizam até os dias atuais, como é o caso da divisão política do continente africano, as bases para compreensão dos movimentos de descolonização de alguns africanos após a Segunda Guerra Mundial, os motivos para os altos índices de miséria na região e outros impactos que ainda são alvo de estudos nas academias.

No ensino fundamental, o tema Imperialismo é indicado para os estudantes no final do 8º ano, e os objetos do conhecimento são: “Uma nova ordem econômica: as demandas do capitalismo industrial e o lugar das economias africanas e asiáticas nas dinâmicas globais”, “O imperialismo europeu a partilha da África e da Ásia” e “Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo”. No 9º ano há orientações para que os estudos sobre esse processo de inserção dos europeus nos demais continentes dê sequência após a compreensão da dinâmica da Segunda Guerra Mundial, nos objetos do conhecimento intitulados como “O colonialismo na África” e “As guerras mundiais, a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos”.

As habilidades esperadas que os estudantes de 8º e 9º desenvolvam estudando temas pertinentes ao imperialismo é que eles consigam estabelecer uma relação causal entre as ideologias raciais e o determinismo no processo de conquista do continente africano (EF08HI23<sup>5</sup>); observar os impactos que a chegada dos europeus legou às comunidades locais, bem como se deu o processo de exploração econômica (EF08HI24); Analisar o papel da resistência dos nativos na defesa de seus territórios (EF08HI28) e a discussão das dinâmicas colonizadoras da África e da Ásia (EF09HI14).

Com relação ao ensino médio, a BNCC foi alterada pela reforma do ensino médio, proposta pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) em 2016 e aprovada pelo congresso em 2017<sup>6</sup> e impactou diretamente os conteúdos trabalhados nos anos finais da educação

---

4 A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é escolhida principal referência para compreender como o conteúdo vem sendo discutido no ambiente escolar, por ser este o documento norteador dos assuntos que são discutidos em sala de aula e trazer os conhecimentos e habilidades essenciais que os colégios devem se pautar na formação de seus alunos (BRASIL, 2018).

5 Código da habilidade, presente no documento da BNCC.

6 Para mais informações sobre a nova legislação vigente, consultar a reportagem formulada pelo portal de notícias G1: SANTOS, Emily. Novo ensino médio: entenda o que deve mudar a partir de 2022. **G1**, São Paulo, 10 de out. de 2021.

básica, pois, ao invés de ter uma delimitação de temas e conteúdo, o documento cita competências e habilidades que os alunos devem adquirir durante os três anos do ensino médio, além de que não há mais uma divisão de disciplinas (história, geografia, biologia...), mas sim de grandes campos do saber que condensam várias matérias (ciências humanas, linguagens, matemática e ciências da natureza).

Observando algumas competências, podemos verificar alguns espaços em que o imperialismo pode ser discutido, como a competência específica 1 que indica que os alunos devem ter um pensamento crítico sobre as circunstâncias históricas e poder interpretar dicotomias que embasam-se em teorias evolutivas, do modelo: atraso/progresso e civilização/barbárie, já que o pensamento de superioridade europeia foi uma das justificativas par ao desenvolvimento das políticas imperialistas. Na competência específica 2, o documento prevê que sejam discutidas questões quanto a formação de fronteiras em diferentes territórios, sendo que as atuais fronteiras da África foram formuladas pelas potências europeias. A competência específica 5 tem como objetivo discutir as formas de combate ao preconceito, injustiça e violência e a promoção de solidariedade e inclusão, e o imperialismo pode ser trabalhado neste espaço para problematização das teorias raciais do século XIX e a desconstrução da mesma, assim como, explicar algumas das consequências que a dominação europeia teve sob os africanos.

Portanto, a educação básica como um todo prevê que o tema imperialismo seja trabalhado nos conteúdos de história em um primeiro momento e, depois, nos conhecimentos específicos das ciências humanas. Como já discutimos anteriormente, os memes não são mais apenas um mecanismo de humor e entretenimento, pois é praticamente uma linguagem de expressão e crítica social, sendo uma das ferramentas possíveis dos professores utilizarem em sala de aula para aproximar os conteúdos com a realidade dos alunos e facilitar a compreensão dos mesmos. Daremos alguns exemplos de memes que podem ser usados para trabalhar o imperialismo.



Figura 1 - Neocolonialismo na África

Fonte: página do História no Paint no twitter (2018)

Neste exemplo, a figura 1 apresenta uma mulher e que ao seu redor assentou uma série de pombos, aparentemente, sem ela chama-los. As pombas estão legendadas com os nomes das principais potências europeias no século XIX: França, Alemanha, Reino Unido e Bélgica. A moça que está sentada está descrita como “África no sec. XIX”. O meme faz uma alusão direta ao processo imperialista, onde diversos países da Europa começaram a chegar no continente africano de forma repentina e sem respeitar os povos que lá viviam.

A utilização deste meme é um aliado para que os alunos compreendam que a ida dos europeus para África não se deu de forma organizada e ordeira, mas sim, em um ato de busca por novos mercados consumidores e eles chegaram como os pombos da ilustração, sem aviso prévio, com pouco diálogo com os nativos ou com outros países que já tinham chegado anteriormente. O(a) professor(a) pode estimular o assunto para explicar a Conferência de Berlim, quando as nações percebem que é preciso organizar essa colonização africana para evitar uma tensão mais séria.



Figura 2 - Guerra do Ópio 1

Fonte: página do História no Paint no twitter (2019)



Figura 3 - Guerra do Ópio 2

Fonte: página do História no Paint no twitter (2019)

A figura 2 traz uma cena do desenho animado Bob Esponja Calça Quadrada, em que o personagem é amarrado em uma corda e obrigado a comer feijões verdes contra sua vontade por uma mão que aparenta ser de um personagem musculoso. Ao Calça Quadrada, meme colocou a legenda de “China”, nos braços fortes, “Inglaterra” e os feijões verdes foram legendados de “Ópio”. Já a figura 3 traz duas cenas de imagens veiculadas

por um canal de TV evangélico de uma mulher que está recuperada de um vício pelo álcool e atribuída sua cura às ações divinas, sendo que é dado uma cerveja para ela cheirar e não há um retorno da compulsão alcóolica. Na primeira imagem, o meme legenda a mulher de “Chineses”, a cerveja de “Ópio” e a mão que está dando a bebida para ela cheirar de “Reino Unido”, enquanto na segunda imagem (após o ato de cheirar), há impressões de uma possível transformação da mulher e, novamente, ela é descrita como “Chineses”.

Os memes referem-se à Guerra do Ópio no século XIX, um movimento de resistência chinesa contra o avanço imperialista da Inglaterra com seus produtos viciantes. Uma das formas utilizadas pelos ingleses para conquistar mercado na China foi utilizando o Ópio, uma droga viciante e que era apreciada pelos chineses, porém, o consumo do produto estrangeiro trouxe efeitos negativos para economia do país asiático e logo as autoridades públicas realizaram ações para barrar a entrada da droga e a Inglaterra começou a se aproveitar do vício provocado pelo produto a população local para continuar suas vendas e, ao mesmo tempo, declarou guerra à China, eis o começo da Guerra do Ópio (FALCON, 2014).

O meme pode ser utilizado para que os alunos percebam qual foi a estratégia inglesa para atingir o mercado chinês: o vício que o ópio provocava, pois na figura 2 o personagem Bob Esponja está sendo amarrado e obrigado a ingerir uma substância a qual não queria e na figura 3 a mulher não teve uma reação muito convicta de que realmente estava livre do vício e, ambas as figuras, remetem ao vício que o ópio provoca e que os Ingleses estavam se aproveitando desta compulsão para impor seu produto.

## CONCLUSÃO

O imperialismo foi uma política adotada pela Europa durante o século XIX e desenvolvida no século XX como uma resposta para o aumento da produção de produtos que o continente passou em função dos aprimoramentos oriundos da 2ª Revolução Industrial, podendo ser compreendido como uma busca por mercados consumidores para além do próprio continente europeu e atingindo regiões como Ásia e África. Nitidamente, aumentou o clima de tensão entre os países, pois todos queriam os melhores espaços da Europa e para evitar um conflito de proporções significativas e para amenizar as tensões foi proposta a Conferência de Berlim, que resultou em uma política de divisão arbitrária do continente Africano que não respeitou as divisões territoriais das tribos nativas e uma difusão de teorias raciais que diziam ser os europeus um povo superior ao restante do mundo e era dever deles levar a civilidade para os outros povos.

O imperialismo europeu do começo do século XX necessita ser trabalhado em sala de aula, pois faz parte da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do ensino fundamental e médio e os memes podem ser aliados dos professores no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que há uma disponibilidade de conteúdos na internet que dão

subsídios para levar os memes para a sala de aula, cabendo ao professor contextualizá-lo e relacionar com o conteúdo, bem como passar aos alunos uma visão crítica do mesmo.

De fato, os memes não são produzidos para ser utilizado em sala de aula e nem se trata de um material didático, pois são produções humorísticas voltadas ao entretenimento que são divulgadas em redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, TikTok e Twitter). E justamente por estarem em veículos de grande utilização pelo público mais jovem é que eles têm maior contato com os memes, faz parte do cotidiano dos alunos.

Esta aproximação tem um efeito positivo na explicação de conteúdos, o que pode ser verificado em diversos artigos que são produzidos e atestam que utilizar memes junto ao conteúdo prende a atenção dos estudantes. O artigo se limita a refletir sobre a utilização de memes para estudar o Imperialismo, mas outros temas devem ser alvo de pesquisas e constatar quais são possíveis de serem trabalhados em sala de aula pelos professores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 06 nov. 2022.

CABRERA, Abrahan Aparicio. História Econômica Mundial 1870-1950. **Economia Informa**, Cidade do México, num 382; set./oct. 2013. Disponível em: <http://www.economia.unam.mx/publicaciones/econinforma/382/06aparicio.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2022.

Castro, Ricardo Figueiredo de; Facina, Adriana. As resistências dos povos à partilha do mundo. *In*: FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: O tempo das certezas: da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Brasileira, 2014. Cap. 5. p. 215-232.

COE, Geane dos Santos; FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antônio. *Memes em sala de aula: possibilidades para a leitura das múltiplas semioses*. **Periferia**, Minas Gerais, v.11, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36936/28110>. Acesso em: 06 nov. 2022.

DECCA, Edgar de; MENEGUELLO, Cristina. **Fábricas e homens: A revolução industrial e o cotidiano dos trabalhadores**. São Paulo: atual, 1999.

DECCA, Edgar de. O colonialismo como glória do império. *In*: FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: O tempo das certezas: da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Brasileira, 2014. Cap. 3. p. 155-183.

DECCA, Edgar de. **O nascimento das fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FALCON, Francisco; MOURA, Gerson. **A formação do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1981.

FALCON, Francisco. O capitalismo unifica o mundo. In: FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: O tempo das certezas: da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Brasileira, 2014. Cap. 1. p. 13-76.

HERNANDEZ, Lília Leite. **A África na sala de aula: Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital: 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2012

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução industrial**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de memes nas aulas de história. **Periferia**, Minas Gerais, v. 11, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36442/28114>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MORAES, Luís Edmundo. **História contemporânea: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2017.

PAINT, História no. **Twitter**: @HistoriaNoPaint. Disponível em: [https://twitter.com/HistoriaNoPaint/with\\_replies](https://twitter.com/HistoriaNoPaint/with_replies). Acesso em: 29 abr. de 2022.

RANGEL, Pollyana Soares. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. **Revista Simbiótica**, Espírito Santo, v.2, n.1, p. 12-21, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/10324/7264>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SANTOS, Emily. Novo ensino médio: entenda o que deve mudar a partir de 2022. **G1**, São Paulo, 10 out. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/10/10/novo-ensino-medio-entenda-o-que-deve-mudar-a-partir-de-2022.ghtml>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SANTOS, Michele; SOUZA, Neila. O uso dos memes como instrumento de ensino para alunos do ensino fundamental. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/7593/15739/#:~:text=Os%20memes%20podem%20ser%20usados,distintos%20sobre%20um%20mesmo%20tema..> Acesso em: 06 nov. 2022.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

**A**

Adolescência 61, 62, 66, 68

Aprendizagem 6, 7, 9, 19, 24, 51, 67, 71, 74, 75, 84, 87, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 160, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 174, 175, 178

Atividades 10, 14, 15, 16, 19, 52, 53, 59, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 92, 93, 100, 101, 110, 119, 120, 121, 122, 127, 130, 134, 135, 136, 137, 144, 150, 154, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170

Aula 6, 13, 14, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 42, 53, 54, 55, 58, 59, 73, 75, 85, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 102, 103, 107, 112, 113, 115, 129, 135, 146, 150, 151, 152, 153, 157, 167, 169

Avaliação 9, 158, 163, 165

**C**

Ciência 45, 77, 80, 83, 86, 100, 123, 127, 128, 146, 155, 162, 165, 168

Currículo 12, 72, 77, 78, 79, 81, 84, 86, 88, 89, 96, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 120, 164

**D**

Dança 91, 94, 95, 97

Deficiência 41, 154

Desafios 12, 37, 38, 41, 61, 62, 69, 77, 78, 107, 108, 116, 118, 139, 141, 143, 163, 165, 166, 167, 169, 174, 175

Desenvolvimento 4, 6, 7, 9, 10, 11, 21, 37, 42, 44, 45, 61, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 83, 86, 87, 88, 100, 101, 103, 107, 108, 114, 116, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 134, 136, 137, 141, 150, 151, 153, 155, 161, 168, 169, 178

Distância 82, 124, 128, 156, 168

Docente 9, 29, 30, 32, 33, 35, 56, 70, 73, 81, 82, 84, 85, 86, 99, 100, 102, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 123, 134, 136, 140, 142, 143, 144, 145, 150, 153, 154, 156, 173

**E**

Educação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 20, 21, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 133, 134,

138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 148, 149, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 164, 165, 166, 168, 173, 174, 175, 178

Educacional 1, 9, 11, 36, 37, 42, 46, 47, 63, 68, 79, 102, 103, 107, 108, 109, 121, 128, 135, 154, 156

Ensino 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 19, 20, 21, 24, 26, 38, 39, 40, 41, 45, 47, 51, 56, 57, 60, 63, 70, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 178

Ensino médio 20, 21, 26, 47, 57, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 128, 139, 143, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 175

Escola 5, 6, 7, 11, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 76, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 120, 126, 128, 139, 146, 147, 148, 154, 165, 173, 175

Escrita 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 58, 149

Estudantes 20, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 53, 54, 63, 66, 73, 74, 78, 81, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 125, 127, 128, 131, 146, 153, 154, 155, 159, 161, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175

## F

Formação 1, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 25, 26, 38, 41, 42, 50, 63, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 95, 97, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 132, 133, 136, 138, 139, 140, 145, 146, 150, 153, 154, 156, 162, 163, 164, 168

## G

Geografia 21, 40, 79, 140, 142, 145, 146, 147, 148, 178

## H

Humana 44, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 100, 101, 108, 115, 119, 124, 128, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

## I

Instituições 7, 8, 46, 51, 82, 88, 105, 107, 110, 111, 128, 135, 144, 146, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 173, 174

Internet 13, 14, 18, 24, 30, 39, 68, 141, 145, 147, 169, 173

**L**

Laboratório 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

**M**

Memes 13, 14, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26

Metodologia 1, 12, 38, 43, 44, 73, 74, 77, 79, 98, 103, 112, 114, 118, 119, 120, 125, 126, 128, 129, 142, 145, 153, 157, 160, 167, 168, 169

**N**

Necessidade 3, 7, 36, 41, 45, 54, 56, 57, 61, 66, 67, 72, 79, 83, 85, 98, 99, 108, 115, 124, 127, 133, 140, 142, 146, 156, 165, 169, 173, 174

**P**

Pedagógica 3, 4, 8, 46, 85, 92, 107, 108, 109, 110, 116, 156

Período 5, 6, 9, 15, 38, 39, 57, 73, 142, 144, 151, 163, 167, 175

Política 68

Práticas pedagógicas 107, 116, 126, 136, 138, 150, 151, 178

Problemas 3, 33, 34, 44, 56, 58, 59, 66, 74, 85, 125, 126, 127, 128, 136, 138, 140, 153, 156

Professores 1, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 19, 21, 24, 25, 38, 40, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 75, 76, 79, 81, 84, 85, 86, 90, 101, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 154, 156, 161, 164, 167, 168, 169, 175

**R**

Recursos 3, 8, 29, 30, 32, 82, 85, 86, 102, 125, 129, 130, 146, 149, 150, 152, 153, 156, 157, 162, 167, 170, 173, 174, 178

Resolução 46, 47, 48, 54, 125, 126, 127, 136, 138, 144, 156, 164

**S**

Sala 6, 13, 14, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 53, 54, 55, 59, 85, 96, 101, 102, 112, 115, 135, 146, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 167

Sociedade 4, 6, 11, 16, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 60, 63, 69, 71, 75, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 89, 92, 95, 96, 97, 100, 106, 108, 116, 119, 121, 122, 125, 126, 128, 134, 139, 142, 146, 149, 154, 159

**T**

Tecnologias 2, 15, 78, 124, 125, 126, 127, 129, 134, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 156, 157, 167, 168, 174

**U**

Universidade 1, 6, 12, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 61, 63, 83, 91, 92, 97, 105, 117, 123, 133, 138, 140, 149, 151, 153, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 178

**V**

Violência 21, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 66, 87

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Atena  
Editora  
Ano 2023

**Vol 7**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Atena  
Editora  
Ano 2023

**Vol 7**